

Os desafios do serviço social no processo histórico e na contemporaneidade: nossa escolha é a resistência¹

Joaquina Barata Teixeira*

Bom dia. Cumprimento carinhosamente colegas assistentes sociais, estudantes e professores, conselheiros/as do CRESS/Paraná e Gestores acadêmicos. É um prazer enorme estar aqui nesta cidade e neste evento ao lado da companheira de mesa Sara de Lara Cavalcante, que é também companheira de luta.¹

Sempre me sinto honrada com o convite para tematizar nossos desafios e hoje enfatizando a resistência como nossa escolha. A resistência é um imperativo ÉTICO-POLÍTICO ineliminável de nosso projeto, neste momento em que vivenciamos uma trágica relação Estado x Sociedade, em que um golpe civil foi referendado pelo STF, em que temos criminosos instalados no poder executivo e legislativo, e em que o chefe da organização

criminosa é o Presidente da República, cercado de comparsas nos Ministérios e no Congresso Nacional. Jamais pensei que a direita tivesse tal descaramento em pleno Século XXI. Ela já foi mais sutil.

Esses comparsas pensam que mandam. Eles pensam que estão no poder. Na verdade, são simplesmente lacaios do capital vadio (também chamado capital financeiro, também chamado capital parasitário). Quem está verdadeiramente no comando são os donos do dinheiro, da riqueza e da propriedade. São eles que dão as ordens, haja vista a sugestão do Banco Mundial ao Temer, para cobrar o ensino nas universidades públicas do país, haja vista a PEC 95 que congela recursos para as políticas sociais por 20 anos, haja vista a contrarreforma trabalhista. Alguns desses donos do dinheiro no plano internacional querem pôr a mão no pré-sal que vai gerar muita riqueza nos próximos anos.

Precisamos mobilizar os tradicionais e novos espaços de luta, de formação política e de organização que são os movimentos estudantis, sindicais, dos sem-terra, dos sem teto, do movimento da mulher, dos negros, dos índios, dos LGBT. Espaços em que se aprende o que poucos docentes ensinam e praticam, ou seja, a pedagogia da emancipação humana, que Paulo Freire chamava a pedagogia do oprimido.

Dado a minha idade, vivi no início da década de 60, um intenso processo de mobilização. Vivenciei então a sedutora expansão do ideário socialista, com o auge do então denominado socialismo soviético, com o ápice da revolução Cubana, com o exemplo das lutas de Guevara na América Latina. Foi essa competição do capitalismo com os países socialistas que ensinou os países escandinavos, que ficam perto da Rússia, a alcançaram níveis de Bem-Estar Social

¹ Palestra proferida pela autora em Ponta Grossa – Paraná, na data de 21/05/2018, durante o evento em comemoração ao dia do Assistente Social, realizado pelo Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG e pelo Núcleo Regional de Serviço Social de Ponta Grossa – NUCRESS/PG.

* Possui graduação em pela Universidade Federal do Pará (1963) e mestrado - (1985) em Planejamento do Desenvolvimento-NAEA (UFPA). Professora Aposentada da UFPA. Coordena desde 2001, a pós-graduação lato-sensu a distância na área do Planejamento e Gestão do Desenvolvimento Regional. Coordenou o primeiro curso de aperfeiçoamento, financiado pela SUDAM, que certificou técnicos dos polos: Altamira, Itaituba, Santarém, Marabá, Belém e Castanhal e que foi encerrado com sucesso. Coordenou o I Curso de Especialização a distância na mesma área (PLANEAR I), encerrado em 2004, com concentração em Planejamento Ambiental e está coordenando o PLANEAR II e III. Contribuiu ainda na elaboração de projetos e programas dos cursos de pós-graduação. Experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Fundamentos do Serviço Social, atuando principalmente nos seguintes temas: serviço social, política social, força de trabalho, planejamento e ocupação. Planejamento Estratégico e Ouvidora da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH). Membro do Comitê Executivo da International Federation of Social Workers (Federação Internacional de Trabalhadores Sociais), em dois mandatos (de 2002 a 2005 e 2005 a 2008). Exerceu o magistério no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), de 1972 a 1996. Foi Pró-Reitora de Planejamento na UFPA entre 1993 e 1997. Especialista em Administração universitária EUA/UFAL. E-mail: joaquina@ufpa.br.

inigualáveis, como testemunhei na Dinamarca e na Suécia onde estive por 2 vezes, quando participava do Comitê Executivo da *International Federation of Social Working*.

Não sabíamos então que os EUA tramavam o golpe militar, como tramou agora o golpe civil e a prisão política de Lula.

A ditadura durou 20 anos, mas foi derrotada pela intensa mobilização e luta da sociedade brasileira, da qual participaram estudantes, trabalhadores (entre os quais os/as assistentes sociais) e, antes mesmo que o regime de arbítrio agonizasse, o curso de Serviço Social já trabalhava a teoria e o método de Marx com as (os) alunas (os).

Se no ontem a conjuntura era mobilizadora, politizadora e organizadora no plano mundial, no hoje registra a dissolução da União Soviética e o avanço da direita e do neoliberalismo no mundo.

Se no ontem, estudantes ricos entravam no PCB, como constatei na União Acadêmica Paraense em Belém e no curso de Arquitetura da UFPA, onde dei umas aulas (exemplo do FRED), no hoje, estudantes ricos no Brasil entram no DEM e no partido do Aécio, o PSDB.

Se no ontem, um poeta comunista recebia o Nobel de literatura, como Pablo Neruda em 1971, no hoje esses prêmios vão para os arautos da economia política, no hoje, apesar de uma crise permanente em que os capitalistas saem dela transferindo-a para os trabalhadores e de uma desigualdade extrema obscena, os trabalhadores e os estudantes precisam estar mais do que nunca mobilizados e atualizados em suas lutas para o século XXI.

Derrotamos a ditadura, mas não derrotamos o capital vadio, não derrotamos os ruralistas latifundiários e as transnacionais do minério e da energia, por isso Gramsci diz que “a luta política é mais complexa que a militar”

A violência, subjacente à ordem social capitalista, ganha evidência empírica e generalização hoje, confirmando o que profetizou Rosa Luxemburgo em 1914, em seu trabalho intitulado “A crise da social-democracia”, publicado pela primeira vez em 1915.

Ela deu o primeiro sinal de alarme ao proferir a palavra de ordem: “socialismo ou barbárie”, rompendo com a concepção da história como progresso linear e inevitável e anunciando que não se deveria esperar o amadurecimento do

capitalismo para combatê-lo, porque esse amadurecimento e velhice seriam portadores de perigo.

A primeira e segunda guerras mundiais inauguraram esse novo conteúdo do sinistro perigo da ordem burguesa, mostrando que a disputa do mercado, do território e do lucro levam a ações extremas de crueldade e extermínio. 90 anos depois, Meszáros invocaria a palavra de ordem de Rosa Luxemburgo de outra maneira. Ele passa a dizer: “Barbárie, se tivermos sorte, porque a ameaça de hoje é a destruição”. Se estamos na barbárie, precisamos saber que pode haver coisa pior, se não detivermos essa escalada de irracionalismo.

A violência ganha generalização hoje, não só na periferia do capital, na América Latina, no Brasil, na África, na Índia. A violência está comparando nos países desenvolvidos, com os ataques terroristas, em que a luta política tomou o formato religioso. Em Barcelona, roubaram no mês passado o celular de meu neto e assaltaram o colega dele em Paris na *Champs Elysées* em maio deste ano.

Na verdade, a violência sempre fez parte do percurso da ordem social burguesa, haja vista o genocídio nazista contra os judeus, a bomba atômica em Hiroshima, a guerra americana no Vietnã, no Afeganistão, no Iraque, e agora na Síria. São massacres que pareciam estar longe de nós, mas agora a violência bate em nossa porta.

No Brasil, a violência sempre se manifestou e manifesta-se sob outro cariz. Manifesta-se pela violência do Estado colonial e posteriormente republicano, contra índios e negros. Manifestou-se pela repressão, homicídio e tortura da ditadura militar contra o pensamento revolucionário. Manifesta-se pela degradação da vida das classes subalternas. Manifesta-se hoje pela mútua destruição dos subalternos.

Vemos todos os dias na mídia: pobres contra pobres, gangues de jovens contra gangues de jovens, policiais pobres contra infratores também pobres e vice-versa. Pessoas que se destroem e nos destroem nas ruas, nos assaltos, nos sequestros, nos atos desesperados que assaltam a razão, num falso antagonismo produto da alienação e falta de organização dos oprimidos, rebaixando e degradando o conflito e deslocando o alvo da luta de classes.

Trata-se de um tema cuja interpretação abre um terreno propício ao senso comum e,

pior que isso, ao irracionalismo em suas mais variadas formas, como o que propõe a redução da maioria penal.

O século XXI nos obriga a reunir dois conceitos aparentemente opostos num só: os de barbárie e civilização, única maneira de traduzir a essência da ordem social contemporânea e do “formidável e terrível potencial de violência acumulado na sociedade capitalista e no Estado” (LOWY: 2000, p.46)

A violência não é, como supõe o senso comum, somente originária da sociedade civil e de segmentos embrutecidos pelas dificuldades da vida. É também oriunda do Estado o qual, também e principalmente ele (Estado), frequentemente é investido, em toda a sua virulência e potência, para massacrar os pobres e principalmente para subtrair direitos, em tempos de mundialização, a serviço da saída da crise do capital global.

Chegamos hoje ao ponto de verdadeiros criminosos abrigados no aparelho de Estado, na pele de ministros e até de juízes do Supremo, numa evidência clara demais de que a justiça se mercantilizou assim como o corpo legislativo. O crime hoje veste toga e tem pós-graduação. Parece não haver mais onde buscar referências ético-políticas e está dado o mau exemplo a todos, principalmente aos jovens, que não conseguem segurar o seu desespero.

Como diz David Harvey (2005), o capitalismo, hoje, ante sua incapacidade de acumular por meio da reprodução ampliada, tem como saída da crise sua expansão não mais em sua lógica de modernização conservadora, como na década de 70, mas em sua lógica “destrutiva” e “especulativa”. Essa lógica destrutiva incide sobre a sociedade, sobre a natureza e sobre a força de trabalho.

É por isso que, ao analisar a violência contemporânea, devemos partir de 3 pontos nodais que estão em sua raiz e que estão presentes em nosso país:

1) a desigualdade de classes, que atravessa todas as demais (de gênero, etnia, raça, opção e expressão sexual);

2) a apropriação dos meios de produção por um reduzido número de proprietários, ensejando a vergonhosa concentração da riqueza, da renda e da propriedade.

3) o desemprego estrutural de uma ordem social injusta e em crise.

Nos últimos 24 anos o desemprego no mundo aumentou de 2,3 da PEA para 5,5%, entretanto o fenômeno da mundialização concentrou o desemprego nos países pobres, contrariando a tese de que a culpa é da tecnologia. Pelo contrário, os países que concentram conhecimento, ciência e tecnologia são os menos atingidos pelo desemprego. A determinação, portanto, está em outro lugar.

Vejam estes dados: nos países desenvolvidos o desemprego cresceu em 53%. Nos demais países 200%. No Brasil 369%. A internet tem muitos dados que qualquer um pode levantar sobre isso.

Marx já dizia desde o século XIX que, no capitalismo: “quanto maiores a riqueza social, o capital em função, quanto maior a dimensão e energia de seu crescimento [...] tanto maior o pauperismo” (MARX, Livro 01, Vol. 02, p.747.

Dizia ainda que a acumulação capitalista sempre produz, na proporção de sua energia e de sua extensão, uma população trabalhadora excedente, desempregada, ociosa (ibid.). É isso que faz Robert Castel dizer que o núcleo da questão social hoje é a existência do que ele chama os “inúteis para o mundo”, que atestam uma vida de riscos que não é individual, sequer familiar, mas de “massa” (CASTEL: 1998, p. 593).

E nesse cenário, se a subjetividade não se educa e não se politiza, afloram os sentimentos mais brutais. Ao invés da organização e da luta política, o caminho passa a ser o crime, que se banaliza.

O capital concentrado e mundializado, não apenas se apropria das riquezas e subalterniza e empobrece a força de trabalho em nosso país. Destroí também a natureza e o pensamento crítico que tende a brotar nas universidades e em algumas profissões como a nossa, haja vista o blog do “Serviço Social libertário”.

Na América Latina e no Brasil, a violência tem estado presente em toda a sua história, que tem sido uma história de opressão e de resistência.

É grande, cruel e massiva a violência contra as etnias e culturas milenares do continente, cujos valores de igualdade e liberdade também têm sido destruídos.

É grande a violência contra centenas de trabalhadores do campo e da cidade, que lutam por direitos, cujo trabalho é expropriado das

formas mais desumanas. Ainda temos a escravidão, a expulsão violenta da terra, o despejo, o assassinato praticado por jagunços a serviço de fazendeiros e madeireiros truculentos e contraventores e assassinatos praticados pelo Estado. Quem esquece Eldorado dos Carajás?

Não podemos ignorar e ficar indiferentes a milhares de brasileiros abaixo da linha de pobreza, crianças e jovens famintos fazendo malabarismo na frente dos carros, mulheres e homens visivelmente maltratados, alquebrados, mutilados.

Vamos repetir as palavras de LOWY: “nenhum século na história conheceu manifestações de barbárie tão extensas, tão massivas, tão sistemáticas quanto este”

Os nossos 50 anos de profissão regulamentada nos mergulharam no coração e nas feridas dessa desigualdade social, nos fizeram conhecer o descaso do Estado republicano, a miséria, a indignação e o aumento progressivo da violência em todos os campos, impondo-nos, a nós e às nossas entidades, abandonar a herança teórica de um Serviço Social conservador, para recorrer a outras fontes clássicas, na busca de um horizonte que nos ancore, por meio do qual possamos ir à raiz das determinações da questão social em sua face contemporânea. E esse horizonte foi e é o resgate da teoria crítica e a identidade a um projeto ético-político emancipador, que esteja na base de um projeto ético-político profissional² que valha a pena, porque sabemos que entender as mudanças profundas porque passa hoje o mundo é uma condição para transformá-lo.

Portanto, a resistência é nossa escolha.
Obrigada.

Bibliografia

ADORNO & HORKHEIMER La Dialectique de la raison, Paris, Gallimard, 1974 . In: BENSALD & LOWY, Daniel e Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

ADORNO Minima moralia, Paris, Payot, 1983. In: BENSALD & LOWY, Daniel e Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

BAUMAN, Z. Modernity and the Holocaust. London: Polity Press, 1989. In: BENSALD & LOWY, Daniel e

Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

BENJAMIN, W. Surrealismo. O Último Instante de Inteligência Européia. Paris: Letras Novas, 1971. In: BENSALD & LOWY, Daniel e Michael. **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

BENSALD & LOWY, Daniel e Michael **Marxismo. Modernidade. Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra a Corrente.** São Paulo: Cortez, 2000.

KAFKA Der Strafkolonie. 1946. In: BENSALD & LOWY, Daniel e Michael. In: **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

MARX, K. Arbeitslohn, 1847. In: BENSALD & LOWY, Daniel e Michael. In: **Marxismo. Modernidade e Utopia.** São Paulo: Xamã Editora, 2000.

ABESS. **Formação Profissional: Trajetórias e Desafios** (Cadernos n. 07). São Paulo, Cortez Editora, s/d.

ANDERSON, Perry. **A Crise da Crise do Marxismo** (introdução a um debate contemporâneo). São Paulo. Brasiliense, 1985

ASSOUN, Paul Laurent. **A Escola de Frankfurt.** São Paulo, Editora Ática, 1991;

EVANGELISTA, João E. **Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno.** São Paulo, Cortez Editora, 1992.

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna.** São Paulo, Edições Loyola, 1992.

HOBBS, Thomas. Leviatã I. In: **Os Pensadores.** São Paulo, Abril Cultural, 1979.

LEVY, Nelson. Uma reinvenção da ética socialista. In: BIGNOTTO N. et all: Ética. São Paulo. Cia. Das Letras, 1992.

LOCKE. John. **Os Pensadores.** São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Lisboa, Edições 70, 1964.

² No mundo, são 81 anos de organização, interrompida pela 2ª guerra mundial e retomada a 51 anos.

MORAES, Reginaldo C. C. Exterminadores do Futuro. A lógica dos neoliberais. **Revista Universidade e Sociedade**, n. 06, 1994.

NOVAES, Adauto. Cenários. In: Bignotto, N. et all. *Ética*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1992.

ROUSSEAU, J. J. O Contrato Social. In: **Os Pensadores**. Abril Cultural, 1978

OLDESSSMANN, D. Assessor alemão da FASE. **Conferência intitulada *Ética*** (proferida em Belém. 22.03).

PEREIRA, P. **Necessidades humanas**. Subsídios à crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez, 2002.

ZAIDAN FILHO, M. **A Crise da Razão Histórica**. Campinas, Papyrus, 1989.